

Juventudes fora da escola

**Sem concluir a
educação básica**

SUMÁRIO EXECUTIVO



Juventudes fora da escola

**Sem concluir a
educação básica**

SUMÁRIO EXECUTIVO

Realização



Parceria técnica



**Aponte o celular
e confira relatório
completo**



Carta de apresentação

“Juventudes Fora da Escola” é uma ampla pesquisa que busca aprofundar a compreensão sobre a realidade dos jovens brasileiros entre 15 e 29 anos que não estão matriculados na escola e não concluíram a educação básica. Em 2022, estavam nessa condição 9,8 milhões de jovens.

Essa exclusão do sistema educacional confronta diretamente o direito à educação assegurado pela Constituição Federal, gerando graves consequências para os jovens e para o desenvolvimento social e econômico do país.

O projeto se propõe a retratar as diversas realidades dessas juventudes, examinando os motivos que as afastaram da escola. Além disso, procura investigar o potencial de diferentes políticas públicas e outras iniciativas para reverter esse cenário.

Para reunir as evidências deste estudo, foram empregadas diferentes abordagens metodológicas, sendo especialmente significativa a inclusão de um grupo de cinco jovens pesquisadores — eles próprios fora da escola, sem o ensino médio. Sob orientação de facilitadores, esse grupo participou ativamente de todas as etapas do estudo, desde a definição das perguntas de pesquisa e das hipóteses a serem testadas, até a análise dos dados quantitativos e qualitativos. Eles desempenharam um papel crucial na produção do conhecimento compartilhado neste estudo.

Além disso, a contribuição dos especialistas foi significativa, oferecendo reflexões consolidadas no campo, com base em diversas perspectivas, ressaltando a importância de combinar intervenções e fortalecer políticas intersetoriais.

A análise da disposição desses jovens em retornar aos estudos demonstra que a maioria, correspondente a 73%, está disposta a fazê-lo.

Para viabilizar as condições de retorno, permanência e conclusão dos estudos, é crucial um esforço colaborativo entre o poder público, as organizações não governamentais, o setor privado e a sociedade civil. O objetivo é ampliar as oportunidades para que esses jovens possam concluir a educação básica.

É importante reconhecer a diversidade de aspectos envolvidos, como questões regionais, econômicas, de gênero, cor e raça, faixa etária, trajetória escolar e tempo fora da escola. Considerar esses elementos é essencial para garantir que as iniciativas e políticas públicas sejam efetivas, especialmente buscando harmonizar o direito à educação com outros direitos essenciais das juventudes.

A existência de perfis distintos destaca a necessidade de intervenções variadas e combinadas para reintegrar os jovens ao sistema educacional, levando em conta suas particularidades e desafios específicos.

A título de exemplo, destacamos dois perfis que ilustram a necessidade de distintas abordagens para facilitar a reintegração dos jovens ao sistema educacional:

Um exemplo são os jovens que estão ‘quase lá’, ou seja, aqueles que interromperam seus estudos no ensino médio e estão muito próximos de concluir a educação básica. Eles somam 3,4 milhões, mais da metade (58%) pertence ao sexo masculino, 70% são negros e a grande maioria (84%) possui entre 20 e 29 anos. Estes não têm mais idade para frequentar o ensino regular. No entanto, uma parcela de 16% (540 mil) é de jovens na faixa etária de 15 a 19 anos, público-alvo do ensino regular.

Cerca de um terço (28%) dos jovens ‘quase lá’ encontra-se em ocupações formais, com condições econômicas ligeiramente mais favoráveis do que a média dos jovens fora da escola.

Quanto à intenção de concluir a educação básica, 83% expressam esse interesse e 65% manifestam o desejo de cursar o ensino médio técnico — ambos os percentuais são maiores que as respectivas médias dos jovens fora da escola. As motivações para retomar os estudos mostraram a diversidade de trajetórias e condições de vida, dentro do próprio grupo. Passam também por aqueles

que querem obter melhorias das condições de trabalho e aqueles que querem ingressar em uma faculdade e prestar concursos públicos.

Para esse grupo, a articulação entre as políticas de educação e trabalho, junto com a cooperação entre o setor público e privado, é essencial para facilitar a conclusão da educação básica. Para eles, isso pode ser alcançado por meio da flexibilização dos horários de trabalho e de estudo.

Além disso, demonstram um interesse um pouco mais acentuado na modalidade de ensino híbrido (presencial e remoto) e maior participação em cursos online.

Dentre as formas de apoio consideradas essenciais, destaca-se para os 'quase lá', em proporção maior que a média dos jovens fora da escola, a necessidade de suporte emocional.

Outro grupo fundamental para compreender a diversidade de realidades e contextos de vida são as jovens mulheres com filhos, que enfrentam múltiplas vulnerabilidades e querem retomar os estudos. Este grupo considerável de 2,4 milhões de jovens, sendo 72% negras, apresenta uma proporção de apenas 9% na faixa etária entre 15 e 19 anos. São jovens que desempenham o papel de cuidadoras e frequentemente assumem a responsabilidade pelo sustento de seus familiares.

É significativamente perceptível a maior presença dessas jovens fora da força de trabalho e desempregadas. Em comparação com o conjunto dos jovens fora da escola, possuem uma renda familiar média expressivamente inferior. Há também uma incidência mais alta de recebimento de algum auxílio governamental entre os membros da família.

Entre as motivações para retornar aos estudos, destacam-se as aspirações de melhoria nas perspectivas de trabalho e, comparativamente aos jovens do sexo masculino, um interesse superior em cursar uma faculdade.

Diante das motivações citadas para o retorno aos estudos, é notável que as jovens mães demonstram forte interesse em melhorar suas perspectivas educacionais, principalmente por meio do ensino médio técnico e da educação de jovens e adultos (EJA). Entretanto, a questão do acesso a vagas em escolas próximas e em horários adequados à sua realidade parece ser um desafio significativo para muitas delas.

Cientes dos obstáculos, essas jovens consideram essencial a disponibilidade de creches para seus filhos enquanto elas estudam. Além disso, há uma

valorização expressiva de auxílio financeiro regular para que possam voltar a estudar. O apoio familiar é destacado por uma porção significativa, acima da média, como fator indispensável no processo de reinserção escolar.

Outra inquietação desse grupo é o medo de não conseguir acompanhar as aulas, enfatizando a necessidade de educadores que possam auxiliá-las na superação de dificuldades de aprendizagem. Valorizam um ambiente escolar que promova relacionamentos interpessoais saudáveis e conte com profissionais qualificados para lidar com questões emocionais e psicológicas. Vale destacar que, em uma proporção acima da média, as jovens mães apontam possíveis desafios no acesso a cursos online.

Diante da complexidade da situação dos jovens que estão fora da escola, é essencial reconhecer que não há uma abordagem única a ser seguida. Para assegurar que nenhum jovem fique para trás, torna-se crucial a implementação de iniciativas e políticas diversificadas e abrangentes.

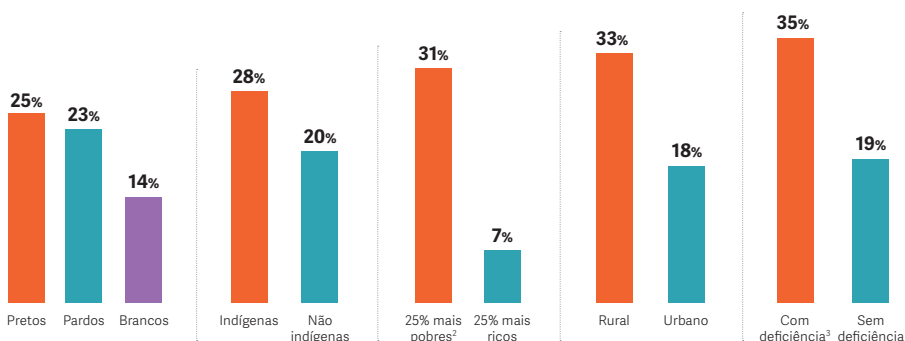
O sucesso dessa empreitada depende da colaboração de diversos atores, mas o resultado será mais efetivo se o país priorizar essa população, que teve seu direito à educação violado. Estabelecer metas claras, com prazos definidos, mobilizar diferentes setores e garantir que nenhum jovem chegue à vida adulta sem ter ao menos concluído o ensino médio são passos fundamentais nesse processo.

Introdução: Por que a inclusão educacional dos jovens é urgente?

A exclusão escolar desperta indignação quando ocorre na infância, mas, em geral, é tolerada quando o jovem ou o adulto não concluiu a etapa de ensino na idade esperada, especialmente no caso das juventudes vulnerabilizadas. Enquanto se formar no terceiro ano do ensino médio é considerado um caminho natural na trajetória de jovens de camadas privilegiadas, a escolarização incompleta é naturalizada no caso de jovens de baixa renda.

QUANTOS SÃO?

No Brasil, em 2022, **9,8 milhões¹** de jovens de 15 a 29 anos não estudavam e não tinham concluído a educação básica. Isso equivale a **19,9% da população dessa faixa etária e impacta de forma desigual diferentes grupos:**



1 Principais referências: Pnad Contínua 2º trimestre de 2012 a 2015; 2020 e 2021 e Pnad Contínua 2º trimestre - Módulo Educação de 2016 a 2019 e 2022.

2 25% mais pobres: jovens em famílias com renda domiciliar per capita de até R\$ 544 em 2022; 25% mais ricos: jovens em famílias com renda domiciliar per capita acima de R\$ 1.770 em 2022.

3 Pnad Contínua 3º trimestre de 2022.

Por afetar principalmente grupos historicamente não priorizados na sociedade brasileira, a exclusão de mais de 9 milhões de jovens do sistema educacional é, até certo ponto, naturalizada. Mas não deveria.

Primeiro, porque confronta diretamente o **direito à educação básica obrigatória e gratuita** dos 4 aos 17 anos de idade, previsto na Constituição Federal de 1988 — que também assegura educação gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria e determina que este direito será promovido “com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Além disso, diversos estudos comprovam os impactos negativos da baixa escolaridade para indivíduos e sociedades. Estatísticas nacionais e internacionais mostram que jovens que não concluem a educação básica têm mais chance de enfrentar **desemprego, trabalhos precarizados e de baixa remuneração**.

Taxa de ocupação (15 a 29 anos)

- Jovens fora da escola sem completar a educação básica: **58%**
- Ensino médio completo: **65%**
- Ensino técnico: **76%**
- Ensino superior: **83%**

A situação se agrava com o chamado “**efeito cicatriz**”, pelo qual, segundo evidências, a qualidade do primeiro emprego obtido pelos trabalhadores tende a impactar toda sua trajetória profissional. Ou seja, os prejuízos de não concluir a educação básica na juventude podem se estender ao longo da vida daquela pessoa, **perpetuando um ciclo de desigualdade e pobreza** que restringe o potencial produtivo e de crescimento de um país.

Espera-se, com a pesquisa “Juventudes fora da escola”, contribuir para desnaturalizar o fenômeno e evidenciar a urgência de garantir o direito à educação básica para todos os jovens do país.

METODOLOGIA

A Fundação Roberto Marinho e o Itaú Educação e Trabalho estabeleceram uma colaboração técnica com o Instituto Datafolha, a Conhecimento Social Estratégia e Gestão e a Rede Conhecimento Social com o objetivo de gerar conhecimento para subsidiar políticas públicas e soluções educacionais para as juventudes que deixaram a escola antes de concluir a educação básica.

Etapas do projeto

O projeto foi realizado em quatro etapas, que envolveram levantamentos quantitativos e qualitativos com jovens fora da escola e especialistas em educação e mercado de trabalho

1	DADOS SECUNDÁRIOS E BIBLIOGRAFIA	Junho e julho de 2023				
2	ENTREVISTAS COM ESPECIALISTAS		Julho a novembro de 2023			
3	GRUPOS DE DISCUSSÃO				29 e 30 nov. 2023	
4	PESQUISA QUANTITATIVA			De agosto de 2023 a janeiro de 2024		
+	JOVENS PESQUISADORES	Durante todo o projeto				

1

Dados secundários e bibliografia

- Levantamento de dados da Pnad Contínua do IBGE sobre jovens fora da escola sem concluir a educação básica. Levantamento bibliográfico sobre políticas voltadas para este público.

2

Entrevistas com especialistas

- Entrevistas individuais e em profundidade com especialistas, de diferentes campos do conhecimento.

3

Grupos de discussão

- Grupos de discussão online com 23 jovens fora da escola sem ter concluído a educação básica, moradores de 12 estados, com diversidade de perfis e de condições de vida.

4

Pesquisa Quantitativa

- Entrevistas com 1.643 jovens de 15 a 29 anos que não estavam estudando e não tinham terminado a educação básica no momento da abordagem.
- Amostra representativa da população dessa faixa etária que não frequenta escola e não terminou a educação básica.
- Abordagem presencial, em pontos de fluxo localizados em mais de 200 municípios nas 27 unidades da Federação.
- A margem de erro máxima para o total da amostra de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.

+ Jovens pesquisadores

- Cinco jovens que não concluíram a educação básica foram cocriadores da pesquisa, contribuindo com suas vivências e seus pontos de vista desde o início do projeto.
- Orientado pela metodologia PerguntAção, da Rede Conhecimento Social, esse processo colaborativo é um diferencial do estudo em relação a outros já realizados sobre o tema.
- Em oficinas formativas, o grupo de jovens pesquisadores contribuiu na formulação das hipóteses a serem investigadas, na construção de questionários e roteiros de discussão usados nos levantamentos qualitativos e quantitativos e na análise dos dados obtidos.

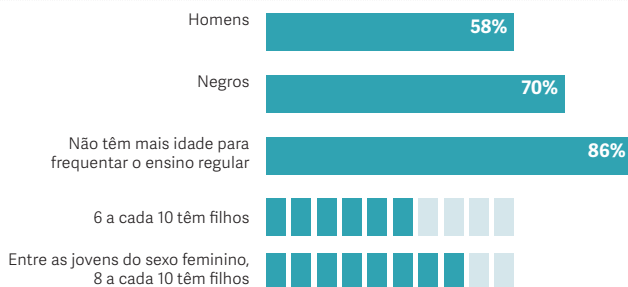
RESULTADOS

A pesquisa “Juventudes fora da escola” traz dados inéditos sobre essa realidade no Brasil, com um panorama abrangente das condições de vida, da trajetória escolar e dos desafios enfrentados pelos brasileiros de 15 a 29 anos que não estudam e não concluíram a educação básica. Essas informações, que podem contribuir para o desenho de iniciativas e políticas destinadas à reintegração desses jovens ao sistema educacional, serão apresentadas a seguir.

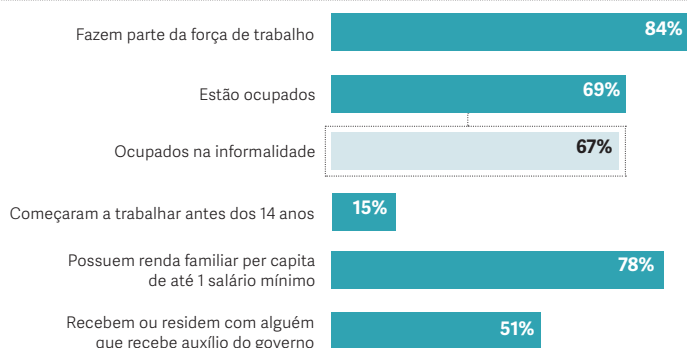
QUEM SÃO?

O universo dos jovens brasileiros que não estudam e não concluíram a educação básica é amplo e heterogêneo — daí o termo “juventudes”, no plural, adotado aqui. A seguir, alguns destaques encontrados na pesquisa quantitativa:

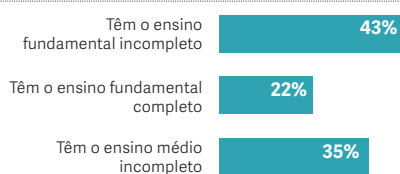
Perfil sociodemográfico



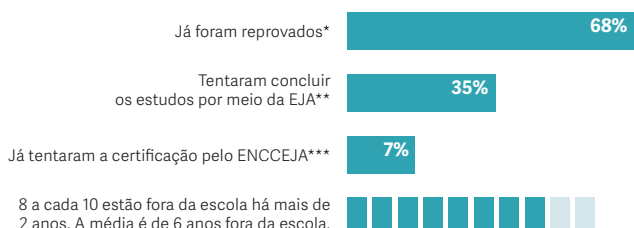
Ocupação e renda



Escolaridade



Trajetória escolar



*A média é de dois anos de reprovação, sendo mais elevada para os jovens do sexo masculino (77%).

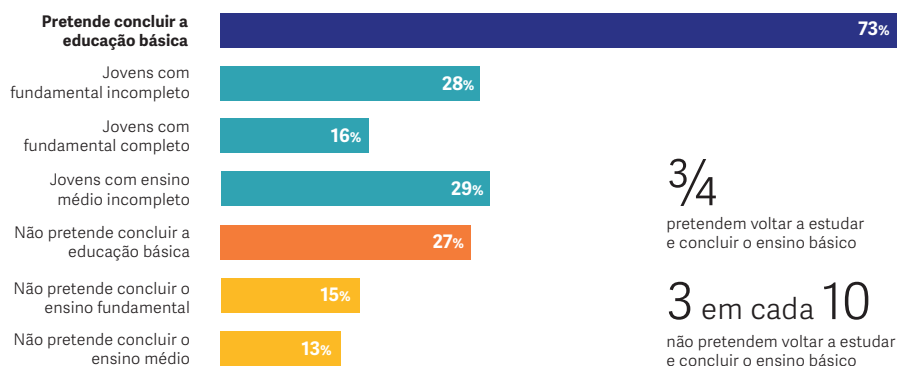
**EJA (Educação de Jovens e Adultos).

***ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos).

MAIS DE 70% QUEREM VOLTAR A ESTUDAR

Três em cada quatro jovens fora da escola (73%) têm a intenção de concluir a educação básica. São cerca de **7 milhões de jovens** que podem ser beneficiados por políticas que apoiem essa população na retomada dos estudos.

Intenção de completar o ensino básico

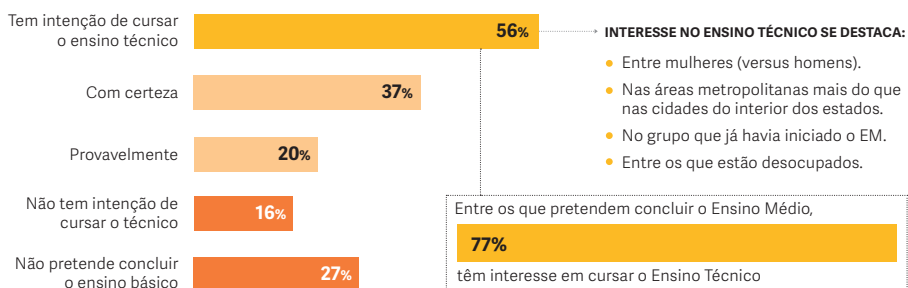


Quanto **menor a faixa etária, maior é o interesse**: 79% dos jovens de 15 a 19 anos manifestaram intenção de completar a educação básica, versus 75% no segmento de 20-24 e 68% no de 25-29.

À medida que os jovens estão mais distantes do término do ciclo básico, o interesse em terminar os estudos é menor: 36% dos que não completaram o ensino fundamental afirmam não ter a intenção de completar o ensino médio, versus 27% daqueles com fundamental completo e 17% do grupo com ensino médio incompleto.

A intenção de voltar a estudar é mais comum entre as **jovens do sexo feminino** (78%) do que entre os do sexo masculino (69%).

Intenção de cursar ensino médio técnico

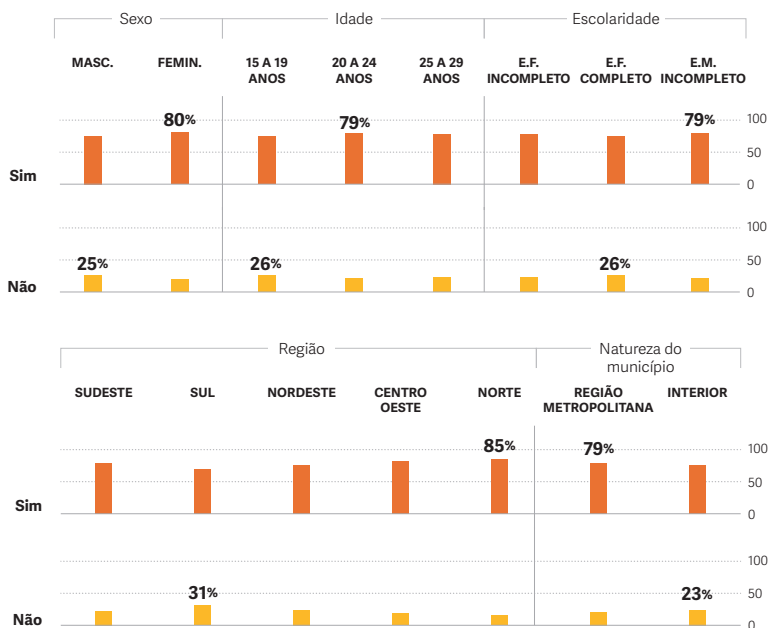


Ao menos **sete de cada dez jovens que pretendem concluir os estudos têm interesse em cursar o ensino médio técnico.**

O interesse pela educação profissional e tecnológica (EPT) é maior entre as jovens do sexo feminino, no grupo que tem ensino médio incompleto, na faixa etária mais jovem e nas áreas metropolitanas.

Intenção de cursar ensino médio técnico

Entre jovens que pretendem concluir o Ensino Médio
Por perfil, região e natureza do município

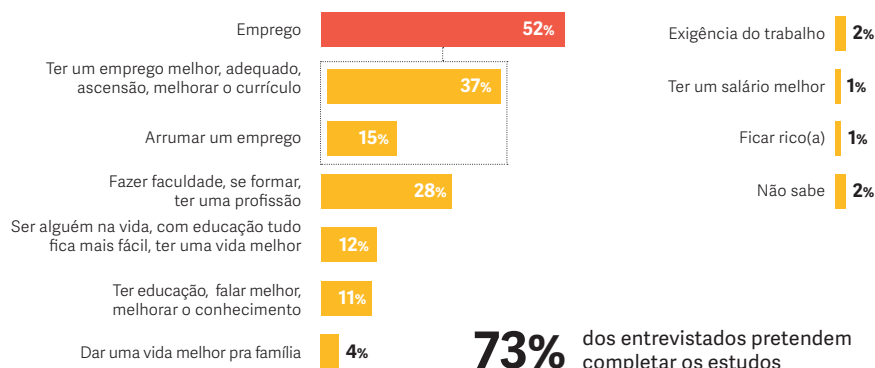


O QUE OS MOTIVA A COMPLETAR OS ESTUDOS?

Grande parte dos jovens que pretendem completar a educação básica cita como motivação a possibilidade de melhorar a condição profissional. Quando estimulados a pensar sobre as razões para voltar a estudar, **52% citaram aspectos relacionados à empregabilidade: um emprego melhor ou, simplesmente, conseguir um emprego.** O desejo de fazer uma faculdade também é uma motivação significativa para concluir os estudos, manifestado por 28% dos entrevistados.

Eles associam a conclusão da educação básica a ser alguém na vida, ter dignidade e não sofrer discriminação ao buscar emprego.

Motivos para completar os estudos



Os jovens que participaram da pesquisa qualitativa mencionaram, ainda, a vontade de **ser motivo de orgulho para familiares.**

“*É mais por minha esposa e pra minha mãe mesmo, que fica na agonia que eu termine pra arrumar emprego melhor.*”

Jovem em grupo de discussão

“*E agora eu tô correndo atrás do tempo perdido pra terminar meus estudos, pra fazer minha faculdade, mostrar pros meus filhos que é dos estudos que eles vão tirar alguma coisa boa.*”

Jovem em grupo de discussão

BARREIRAS QUE AFASTAM OS ESTUDANTES DA ESCOLA

Os motivos para não voltar à escola fornecem informações importantes para sustentar as iniciativas e políticas de retorno.

Considerando o grupo dos 27% de jovens que não pretendem concluir a educação básica, os principais motivos mencionados são:

- Precisam trabalhar: **32%**
- Precisam cuidar da família: **17%**
(34% entre as mulheres vs. 8% entre os homens)
- Não veem necessidade no momento, não têm vontade: **16%**
- Não têm paciência para estudar: **16%**

A experiência anterior com a escola, marcada por dificuldades de aprendizagem e repetências — 68% dos entrevistados já foram reprovados —, ajuda a entender os motivos relacionados a não ter vontade e não ter paciência para estudar. Tanto que **mais da metade (51%) dos jovens que não pretendem terminar a educação básica teria medo de voltar a estudar e não conseguir acompanhar as aulas.**



Me senti muito envergonhado porque todo mundo passou e eu não (...). Eu nunca tinha repetido de ano, eu tinha só 11 anos, uma criança, perdi por conta de um ponto e isso me doeu. Desisti e fui trabalhar.

Jovem pesquisador



São jovens que tiveram dificuldades recorrentes na sua trajetória escolar. Eles já trazem marca de uma tensão com a escola, com os processos, com a dinâmica escolar, com a cultura escolar.

Especialista

Quando estimulados a completar a frase “**eu não teria saído da escola se...**”, os jovens dos grupos de discussão revelaram que, quando mais novos, **não tinham consciência do papel da educação na vida** deles.

Eu não teria saído da escola se:

- Soubesse que as oportunidades de trabalho para quem não concluiu o ensino médio são limitadas e precárias.
- Tivesse ajuda para conciliar trabalho e estudo.

- Tivesse apoio pedagógico para dificuldade de aprendizagem.
- Tivesse apoio psicológico.
- O ensino médio preparasse para o ensino superior e para o mercado de trabalho.



Se eu soubesse que eu ia me lascar tanto na roça como eu me lasquei até hoje, eu não parava de estudar, não. Tinha ficado quieto. Tinha estudado, tinha conseguido um emprego melhor para mim, tava trabalhando bem melhor do que eu trabalho hoje.

Jovem em grupo de discussão

Para os especialistas consultados, essa dificuldade de focar no benefício da educação em longo prazo poderia ser suprida com o desenvolvimento, pela escola, de um **projeto de vida** junto aos alunos, que os ajudaria a compreender o benefício de permanecer.

Entre as barreiras que dificultam o retorno do jovem à escola, dois eixos se destacam e serão analisados a seguir: o trabalho e o papel social da mulher.

O DESAFIO DE CONCILIAR ESCOLA E TRABALHO

A maioria dos jovens (92%) concorda que terminar os estudos é importante para obter melhores oportunidades e que o diploma é relevante (85% de concordância). Por outro lado, grande parte deles (78%) também concorda com a frase de que, neste momento, **o trabalho é prioritário em relação ao estudo**.

Na opinião de jovens e especialistas, a escola e o mundo do trabalho não estão preparados para acolher o estudante que trabalha e o trabalhador que estuda.



Em vários países do mundo, o jovem trabalha. A questão é: como você compatibiliza ele trabalhar e estar na escola? Basicamente, depois dos 17 anos ele está trabalhando e estudando ao mesmo tempo. Então não adianta tentar contrapor o trabalho à educação. Você tem que fazer os dois conversarem, porque os dois são importantes. (...) Acho que o ponto fundamental é criar um ambiente de aprendizado que envolva escola e trabalho.

Especialista



É bem cansativo. Aqui as aulas começam 6 e pouco, 7 e pouco, vai até 10h30, 11h. O que você vai fazer? Você acorda cedo, 4, 5 e pouco, para trabalhar. Você acorda 5h30, por exemplo, chega em casa 16h30, 17h, para você sair para a escola para chegar às 23h? Pensa.

Jovem em grupo de discussão

Outro ponto mencionado pelos jovens é que muitas empresas não contratam quem não terminou a educação básica, mas também não apoiam esse retorno:



Muitas empresas preferem que você largue o estudo para continuar no trabalho.

Jovem pesquisador

Os participantes da pesquisa reivindicam, ainda, **a ampliação de vagas de Jovem Aprendiz** voltadas para aqueles que estão fora da escola e desejam retornar, pois atualmente elas possuem um limite de idade (até 24 anos) ou não estão disponíveis em todas as cidades.

PAPÉIS SOCIAIS DA MULHER

Oito em cada dez jovens do sexo feminino entrevistadas na pesquisa quantitativa têm filhos. Levando em conta que, em geral, a responsabilidade de cuidar da criança recai sobre a mãe — tanto que **34% das mulheres citam a necessidade de cuidar da família como razão para não completar os estudos, versus 8% dos homens** —, ações de apoio às jovens mães são cruciais para viabilizar o retorno dessa população aos estudos.



Se eu não tivesse parado, né, logo quando eu tive minha primeira filha... Mas quando ela inteirou um ano (...), o meu pensamento foi: não, eu preciso trabalhar, que eu preciso sustentar ela. O meu pensamento naquele tempo foi esse. Eu preciso, então não vou conseguir estudar. E eu não vou conseguir manter o meu estudo e o trabalho ao mesmo tempo.

Jovem em grupo de discussão



É preciso ter uma rede de proteção estruturando essa menina que acabou de ser mãe. Se ela não tiver uma creche, ela não vai voltar, ela não tem com quem deixar esse menino. (...) O que acaba acontecendo é que a rede fica sendo muito mais familiar e informal do que a rede de proteção das políticas públicas mesmo.

Especialista

A rede de proteção deve incluir não apenas um espaço para a criança ficar, seja na própria escola, seja em creches com horários compatíveis com as aulas, mas também a inserção de mães e filhos em programas governamentais que os acolham de forma abrangente.



Tem um aspecto que é da escola, que é de acolhimento, de compreensão do que ela está passando, de traçar uma proposta de aprendizagem pra ela. Mas tem uma outra perspectiva que vai além da educação, que é da rede de proteção. (...) Tem condição desse familiar que ela cuida ter outra estratégia dentro da própria política pública, da saúde ou do que for, para apoiar? Porque se a gente não vê isso numa perspectiva de políticas públicas e de redes de proteção (...), ela vai estar isolada numa situação que ela, sozinha, não dá conta.

Especialista

UM PROBLEMA, MÚLTIPLAS SOLUÇÕES

O que precisa mudar para que as juventudes fora da escola consigam completar a educação básica? Tanto os especialistas quanto os jovens concordam que não há um modelo que funcione para todos e que **a solução efetiva é ofertar diversas possibilidades**, não só para atender jovens de diferentes faixas etárias, condições socioeconômicas, territorialidades e perfis demográficos, mas também para suprir diferentes demandas que podem ter afastado da escola cada um desses jovens.

Algumas dessas possibilidades foram identificadas no levantamento bibliográfico da pesquisa, que categorizou **ações implementadas no Brasil e no mundo** para lidar com o desafio das juventudes fora da escola. São elas:

- Bolsas de incentivo
- Fortalecimento da EJA
- Educação profissional e tecnológica
- Lei da aprendizagem
- Ensino médio noturno
- Busca ativa
- Matrícula facilitada
- Acolhimento e apoio a jovens mães
- Reforço, mentoria e motivação
- Alerta preventivo: identificar estudantes com mais risco de evasão e intervir a tempo
- Melhoria da saúde mental e do clima escolar

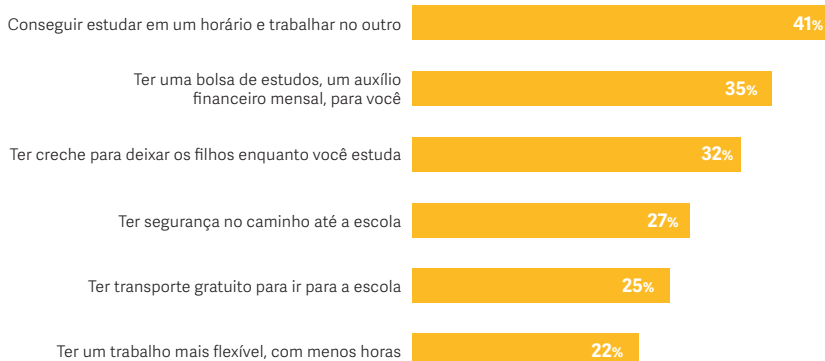
Muitas iniciativas não contemplam a população de 20 a 29 anos, faixa etária de 86% dos jovens fora da escola sem concluir a educação básica. É necessária e urgente, portanto, a implementação de mais ações voltadas para incentivar esse público a retornar à sala de aula.

Outro ponto destacado por especialistas e jovens foi a necessidade de soluções não só para o retorno, mas **para a permanência dos jovens na escola** até a conclusão dos estudos, o que demanda intervenções de acolhimento intersetoriais e construídas localmente, considerando os diferentes contextos de vida.

O QUE PODE SER FEITO PARA VIABILIZAR O RETORNO DOS JOVENS AOS ESTUDOS?

Os entrevistados na etapa quantitativa foram apresentados a uma série de alternativas — relacionadas a políticas públicas, modalidades, horários e currículo dos cursos, entre outros fatores — e estimulados a escolher até três opções em cada uma dessas dimensões.

Sobre políticas públicas



A preferência se distribui pelas seis opções sugeridas. Destacam-se a **compatibilidade da jornada de escola e trabalho, a oferta de bolsa de estudos e a oferta de creche** para quem tem filhos.

Sobre os programas de auxílio financeiro a estudantes, especialistas consultados fizeram três recomendações, com base em pesquisas sobre o impacto de iniciativas já existentes: que o recurso seja destinado ao jovem, e não à família; que a frequência da bolsa seja mensal; e que o valor distribuído no ato da matrícula seja maior do que as demais parcelas.

Eles também ponderam que as bolsas podem incentivar a permanência, mas não resolvem os problemas relacionados à qualidade de ensino — o fator que mais impacta positivamente o aumento de renda ao longo dos anos.

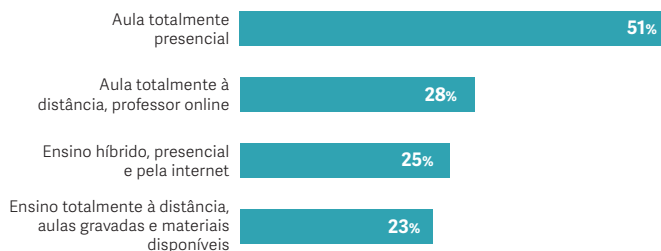


Eles estão recebendo uma bolsa para quê? Para promover o projeto de vida deles. (...) Se há um projeto de bolsa bem-sucedido é o projeto que está inserido num programa de melhoria da educação, num programa de atendimento individualizado aos alunos, com mentoria e acompanhamento individualizado.

Especialista

Subsídios para formação de políticas

Sobre modalidades

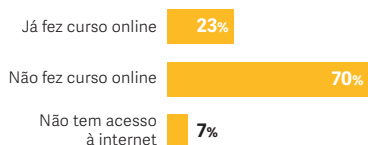


Destacou-se a preferência pelo **ensino 100% presencial**, escolhido por metade dos entrevistados (51%). As outras modalidades tiveram cerca de um quarto de menções cada uma, com 28% escolhendo a educação a distância (EaD) com professor online, 25%, o ensino híbrido e 23%, EaD com aulas gravadas.

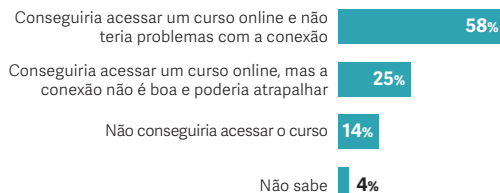
Trabalhadores formais manifestaram preferência acima da média pela EaD com aulas síncronas (35% vs. 28%) e pelo ensino híbrido (28% vs. 25%), numa indicação de que consideram estes modelos uma possibilidade de conciliar estudo e trabalho.

Curso online

Você já fez algum curso online, utilizando a internet?



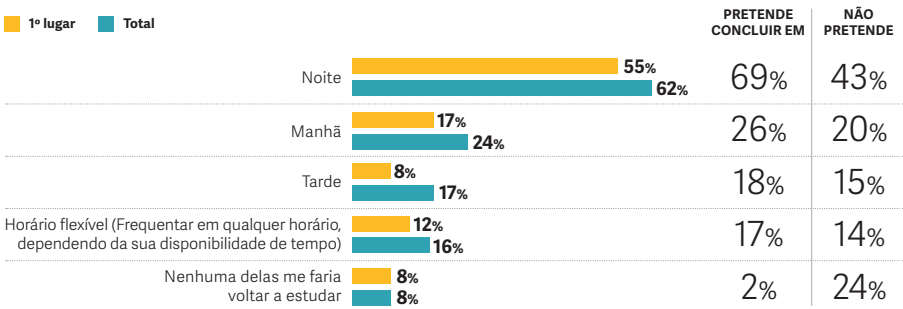
Pensando em um curso online que você poderia fazer usando a internet em qualquer local, como em casa, trabalho, casa de amigos etc. Você diria que:



A pesquisa aponta, ainda, para a falta de experiência de grande parte desses jovens com a EaD: 70% nunca fizeram um curso online e outros 7% não têm acesso à internet.

Apesar disso, mais da metade (58%) entende que conseguiria acessar esse tipo de curso sem problemas de conexão — mas também é expressiva a parcela dos que mencionam dificuldades para se conectar (25%) e dos que não conseguiriam acessar aulas online (14%).

Sobre horário de escola/curso

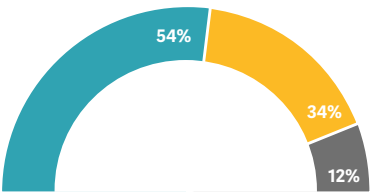


Há uma clara preferência por estudar no **período da noite**: 62% consideram esta opção e 55% a colocam em 1º lugar. O turno da manhã é uma opção para 24% dos jovens e o da tarde, para 17% — proporção semelhante à opção pelo horário flexível (16%)

Localização da escola x casa

Onde você mora tem escola com vaga disponível em horários compatíveis com sua disponibilidade?

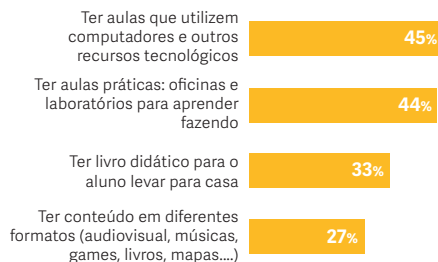
Sim Não Não sabe



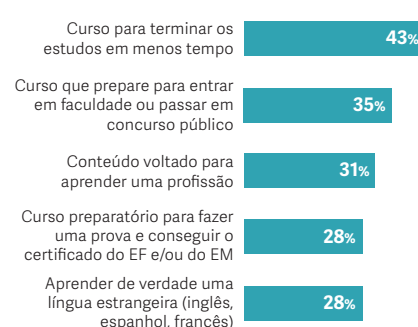
Independentemente do turno escolhido, mais da metade dos jovens (54%) disseram que há vagas compatíveis com sua rotina perto de onde moram. Por outro lado, é preocupante que **cerca de um terço tenha respondido que não há oferta de vagas compatíveis com sua rotina** em escolas próximas.

Subsídios para formação de políticas

Sobre aulas e materiais de estudo



Sobre o currículo da escola ou curso



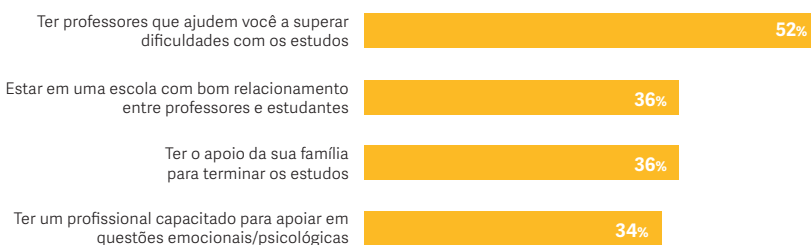
Nota-se um considerável interesse em completar rapidamente a educação básica (43%) e em se preparar para entrar em uma universidade ou passar em concurso público (35%), assim como o desejo por uma formação profissional mais imediata (31%).

Os jovens demonstram interesse na utilização de **recursos tecnológicos** e em **oficinas e laboratórios**.

Nos grupos de discussão, os participantes citaram algumas aulas práticas que gostariam de ter no retorno à escola: música e artes, laboratório de ciência, atividades ao ar livre e educação física.

Subsídios para formação de políticas

Sobre o bem-estar do estudante de modo geral



O apoio de professores para superar dificuldades, apontada por 52% dos jovens como um fator de incentivo para voltar a estudar, é consistente com a opção de aulas presenciais e pode ser um sinal da expectativa de conseguir superar dificuldades de aprendizagem vividas no passado.

As demais opções apresentadas — bom relacionamento entre alunos e professores, apoio da família e apoio psicológico na escola — também atingem proporções expressivas, que revelam a **importância do acolhimento e do suporte emocional** para os jovens fora da escola.

UMA RESPONSABILIDADE DE TODOS

Sabe-se que voltar a estudar depois de um tempo longe da escola pode ser desafiador, especialmente para aqueles da faixa etária mais avançada, que precisam conciliar os estudos com responsabilidades familiares e profissionais e, em muitos casos, superar sentimentos de fracasso e experiências negativas associadas à vivência escolar anterior.

É preciso que esses jovens recebam apoio para conseguir retornar e concluir a educação básica, em um **esforço que deve envolver diversos setores da sociedade**.

É natural que o enfrentamento do problema seja liderado pelas políticas públicas de educação, mas elas devem ser complementadas por políticas relacionadas a trabalho, assistência social, gênero e saúde, entre outras.

Além disso, a tarefa de planejar, financiar, implementar e monitorar essas políticas deve envolver **todas as esferas de governo** (municipal, estadual e federal), assim como os membros do poder legislativo, mas não só. **Setor privado, mídia, organizações não governamentais, igrejas, famílias**, todos podem fazer sua parte para garantir que esses jovens acessem plenamente o direito constitucional à educação.

Uma evidência empírica do potencial motivador de discutir o tema e levar informações para essas juventudes é que, ao longo das oficinas de PerguntAção, três dos cinco jovens pesquisadores decidiram dar continuidade à sua escolarização, por se sentirem mais bem informados e estimulados após a participação no projeto.

Esse desfecho, ainda que não planejado, reforça um ponto central: o de que **os jovens querem voltar a estudar, especialmente quando bem informados** sobre os benefícios que podem obter com a conclusão da educação básica e sobre as possibilidades de viabilizar esse retorno.

Para que concretizem esse desejo, é preciso oferecer condições que lhes permitam **conciliar o estudo com as demais dimensões da vida** — algo que, como foi visto, só pode ser alcançado com uma combinação de estratégias que atendam às diferentes necessidades e realidades vividas pelas juventudes fora da escola.

O desafio está posto e deve ser visto como prioridade por toda a sociedade, uma vez que garantir aos jovens brasileiros a possibilidade de desenvolver plenamente seu potencial, por meio do acesso à educação, traz benefícios não só para os próprios jovens, mas para todo o país.

Expediente

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO

Secretaria Geral

SECRETÁRIO-GERAL DA FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO *João Alegria*

Assessoria de Pesquisa e Avaliação

ASSESSORA DE PESQUISA E AVALIAÇÃO *Rosalina Maria Soares*

ESPECIALISTA EM DADOS, JUVENTUDES E MERCADO DE TRABALHO *Katcha Poloponsky*

ANALISTA DE PESQUISA E AVALIAÇÃO *Felipe Santos; Melina Klitzke; Tayná Mendes*

Comunicação

GERENTE DE COMUNICAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO *José Brito*

COORDENADOR DE COMUNICAÇÃO *Felipe Conrado*

FUNDAÇÃO ITAÚ - ITAÚ EDUCAÇÃO E TRABALHO

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO ITAÚ *Eduardo Saron*

SUPERINTENDENTE DO ITAÚ EDUCAÇÃO E TRABALHO *Ana Inoue*

Gerência de Gestão de Conhecimento

GERENTE DE GESTÃO DO CONHECIMENTO *Carla Christine Chiamarelli*

COORDENADORA DE GESTÃO DO CONHECIMENTO *Raquel Sobral Nonato*

ANALISTA DE GESTÃO DO CONHECIMENTO *Rafael Justino Monteiro;*

Daniel Greco Aith; Valdecy Rodrigo do Nascimento; Paloma de Lima Santos

DATAFOLHA INSTITUTO DE PESQUISAS

DIRETORA GERAL *Luciana Chong*

DIRETORA DE PESQUISA *Renata Nunes*

GERENTE DE PESQUISA DE MERCADO *Paulo Alves*

EXECUTIVA DE PROJETOS *Selma Britez*

AUXILIAR DE PESQUISA *Violeta Lopes*

PESQUISADORA *Cristiana Martin*

JORNALISTA *Flávia Mantovani*

DESIGN GRÁFICO *Estúdio Thema*

CONHECIMENTO SOCIAL ESTRATÉGIA E GESTÃO

Ana Lúcia D'Império Lima

REDE CONHECIMENTO SOCIAL

DIRETORA EXECUTIVA *Marisa de Castro Villi*

DIRETORA DE PROJETOS *Harika Merisse Maia*

PESQUISADORA *Emilly Carvalho Espildora*

MOBILIZADORA *Ana Rita Sbragia Ribas de Oliveira*

Realização



Parceria técnica

